



INSTITUTO FEDERAL
Rio de Janeiro

BOLETIM INFORMATIVO

**COORDENAÇÃO DE SAÚDE
DO TRABALHADOR (CST)**

DIA DAS MÃES

Um olhar histórico sobre a maternidade





Aproveitando a comemoração do **Dia das Mães** no mês de maio, a Coordenação de Saúde do Trabalhador (CST) convida você a refletir sobre a maternidade a partir de uma perspectiva histórica, a fim de desnaturalizar algumas concepções e exigências sociais comumente atribuídas às mulheres. Tais pensamentos, muitas vezes, representam um fardo que pode comprometer a saúde mental daquelas que sentem não se enquadrar nos modelos e padrões a elas designados.

Por muito tempo considerada uma verdade inquestionável, a ideia de um instinto materno, por exemplo, pode excluir as mulheres que não desejam ter filhos, que não querem (ou não podem) amamentar ou ainda que têm sentimentos ambivalentes – tão comuns – em relação aos seus filhos. Nesse sentido, a historiadora francesa Elizabeth Badinter fala do Mito do Amor Materno. Segundo ela, a idealização da figura materna aos moldes de Maria, a abnegada mãe de Jesus, teria produzido no inconsciente coletivo a ideia de um amor materno inquestionável e incondicional que perdura até os dias de hoje.

Os padrões acerca de como se deve agir, sentir e, até mesmo, desejar a maternidade ou a paternidade não são universais nem absolutos, mas, sim, históricos, isto é, construídos no tempo e no espaço. Às mulheres (ainda) é ensinado que devem querer ser mães, dedicadas à casa e aos filhos, em cumprimento à sua missão “natural”, sem, contudo, deixar de ser atraentes para o parceiro e – atributo adicionado mais recentemente – independentes do ponto de vista econômico.



Sob os homens continua recaindo a cobrança de que sejam fortes, destemidos, capazes, bem-sucedidos e, sobretudo, bons provedores materiais da família. Esses padrões instituídos, mesmo quando contestados em nível particular, pressionam o indivíduo por meio das expectativas sociais. No entanto, a dissonância entre o que a pessoa deseja ser (ou se sente no dever de ser) e o que ela é pode não apenas ser perturbadora, como também, em muitos casos, levar ao estresse ou ao adoecimento mental.

Desse modo, é muito importante a compreensão de que tais expectativas também são socialmente construídas, para podermos lidar melhor com elas e amenizar a pressão que exercem sobre nós. No entanto, para além da compreensão particular, é fundamental também uma mudança na sociedade como um todo, uma vez que os indivíduos são direta ou indiretamente afetados pela aprovação ou rejeição dos seus pares – conforme atendam ou não às expectativas que recaem sobre eles.

Nesse sentido, reafirmamos que a maternidade é uma opção – e não um destino – e que há várias maneiras de vivenciá-la ou praticá-la, não existindo para ela um padrão “correto” ou “melhor”. Além disso, é preciso entender que a criação e a educação dos filhos é uma tarefa não exclusiva das mulheres, inscrita em seu DNA, mas que deve ser compartilhada igualmente por aqueles que convivem com a criança.

A partir desse breve olhar histórico, a equipe da CST homenageia todas as mães e lhes agradece o amor e o cuidado dedicado aos seus filhos (biológicos e/ou adotivos), a educação dispensada e cada gesto e investimento em prol do desenvolvimento de sua família. Que a maternidade seja uma estrada percorrida de mãos dadas, com uma boa rede de apoio em benefício de uma maior leveza e qualidade de vida!



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio de Janeiro



@ifrj.oficial



/ifrj.oficial



/ifrjoficial

portal.ifrj.edu.br